



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

DIUNES DE ARAÚJO CÉSAR

(depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-326

Entrevistado: Diunes de Araújo César

Nascimento: 04/04/1965

Local da entrevista: Centro de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Federal de Santa Maria, 1º andar, sala 2182

Entrevistador/a: Suélen de Souza Andres

Data da entrevista: 08/01/2013

Transcrição: Natália Bender

Copidesque e Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 30 minutos e 30 segundos

Páginas Digitadas: 12

Observações:

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado de Suélen de Souza Andres com temática sobre o handebol praticado por mulheres no Rio Grande do Sul, desenvolvido na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Iniciação no esporte; Convocação para a seleção gaúcha de handebol; Campeonato em Brasília pela seleção; Rotina de treinamentos e campeonatos; Esportes oferecidos na época; Apoio da família; Rotina de estudos e treinos; Diferenças entre o time de mulheres e o dos homens no handebol; Convocação para a seleção; Jogadoras que se destacavam na época; Time que se destacava; Falta de incentivo no handebol e no atletismo; Técnica mulher que acompanhou o time de mulheres de handebol na competição em Brasília; Outras técnicas mulheres; Técnicas mulheres no atletismo; Migração do handebol de Santa Maria para as cidades de Santa Catarina; Maior incentivo em Santa Catarina; Hospedagem na casa de outras atletas; Rivalidade entre as atletas do próprio time; Jogadoras masculinizadas; Privilégios, vantagens e méritos das atletas do handebol.

Porto Alegre, 08 de janeiro de 2013. Entrevista com Diunes de Araújo César a cargo da pesquisadora Suélen de Souza Andres, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

D.C. – Eu comecei no esporte bem cedinho, eu tenho uma irmã que, quando entrou na escola com sete anos, passavam na sala dela e perguntavam quem queria fazer esporte. Como ela era... Pegou e foi, depois no outro ano eu entrei na mesma escola, daí já tinha ela fazendo atletismo e handebol mini mirim porque a gente tinha sete anos, no caso ela já tinha oito. Daí passaram nas salas e já sabiam que ela era minha irmã e daí já me chamaram para ir fazer os testes. Ai eu fui lá, fiz os testes de corrida, de salto, de arremesso e depois o handebol e ali eu entrei e nunca mais saí; fui sair só lá com os meus dezenove vinte anos um pouco antes de casar. Ai eu fazia sempre os dois: dias de treinamento de atletismo e dias de treinamento de handebol, isso ali no Coronel Pilar¹ até a oitava série. Ai quando eu passei para o segundo grau, eu fui para o Maria Rocha² que eu não precisei nem ficar na fila para conseguir vaga na época porque o professor Ivon³ passou e me viu na fila e disse: “Vem cá, tu não vai ficar na fila, tu já estás com vaga aqui.” Ele já sabia que eu jogava e era adversária das equipes que ele treinava que era o Maria Rocha e o Santana⁴, e no Pilar não tinha segundo grau, estava começando o segundo grau daí eu fui para o Maria Rocha. Ali no Maria Rocha é que foi fortalecer mais o handebol porque eu fui para a seleção gaúcha. Particpei três anos, em dois anos na hora da convocação porque eles chamavam mais gente, mais meninas... Aí na hora da convocação, dois anos eu fui cortada, daí eu só fui no meu último ano, que foi em 1982 que a seleção gaúcha foi para Brasília. E todos os três anos as meninas iam treinar em Santa Maria, que era o professor Iradil⁵ que era o técnico lá no Corinthians⁶ e o Minello⁷ e eles selecionavam as meninas das outras cidades pelos campeonatos que a gente ia: os campeonatos de Rosário, do interior aqui perto de Santa Maria e algumas de Porto Alegre, Santa Rosa, Caxias, e essas meninas vinham no final de semana para treinar na seleção gaúcha. Então

¹ Colégio Estadual Coronel Pilar, Santa Maria (RS)

² Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Rocha, Santa Maria (RS)

³ Ivon Rocha Junior

⁴ Colégio Franciscano Sant'Anna, Santa Maria (RS)

⁵ Iradil Antonello

⁶ Ginásio do Corinthians, Santa Maria (RS)

⁷ Italo Antonio Minello

ficavam próximas das competições, que fizeram em julho no período de férias escolares, elas vinham e ficavam a semana inteira e vinham para a viagem.

S.A. – Era só o handebol que era oferecido ou tinha... além do atletismo?

D.C. – Não, na minha época tinha assim: o vôlei era muito pouco para o feminino, mais era o atletismo, o handebol... Natação não tinha porque as escolas não tinham piscina; futebol feminino também não tinha; basquete também não tinha feminino que eu me lembre, o foco do feminino mais era o atletismo e o handebol. O vôlei estava num meio termo e o basquete eu não me lembro de que Santa Maria tivesse uma equipe de basquete feminino, naquela média de infantil, infanto-juvenil, adulto; não me recordo, mas eu acho que não tinha, tinha era de vôlei, se eu não me engano. Os colégios que mais participavam e que tinham as rivalidades era o Santana, o Santa Maria⁸, o Maria Rocha e o Patronato⁹, que na época tinha o colégio Patronato que hoje não tem mais, que agora trocou de nome, não sei como é o nome daquele colégio¹⁰ lá. E o atletismo eram os colégios, daí incluía o Pilar, o Maria Rocha, o Santa Maria, o Santana, o Patronato, o Cícero Barreto¹¹ no Atletismo, também tinha o colégio Maneco¹², esses eram os mais fortes.

S.A. – E em relação a tua família como é que foi?

D.C. – Ah, para a família foi tranquilo assim, porque já tinha uma fazendo esporte, depois eu entrei, mas só que não tinha o apoio. Não era dado aquele apoio de comprar tênis, comprar uniforme, essas coisas não tinha muito não; quer ir fazer tuas coisas vai, mas tem que fazer o serviço da casa, tem que estudar, para depois fazer isso. Então, no meu caso, eu fazia todo o serviço da casa, não deixava pendência no colégio nada para eu ter o direito de ir para os meus treinos e eu não tinha incentivo, assim, de pagar ônibus... Morava ali no bairro das Dores, perto da Brigada, eu tinha que vir até o Maria Rocha, saía do Maria Rocha no caso, meio dia e quinze, meio dia e vinte, acabava a aula, eu tinha que ir a pé, chegava em casa tinha que almoçar, limpar a cozinha e voltar para o Maria Rocha para

⁸ Colégio Marista Santa Maria, Santa Maria (RS)

⁹ Colégio Patronato Agrícola Antônio Alves Ramos, Santa Maria (RS)

¹⁰ Colégio Antônio Alves Ramos, Santa Maria (RS)

¹¹ Escola Básica Estadual Cícero Barreto, Santa Maria (RS)

¹² Colégio Estadual de Ensino Médio Manuel Ribas, Santa Maria (RS)

treinar, e sem ônibus e tinha que estar lá as duas horas de volta. E não tinha choro, tinha que limpar a cozinha. Três vezes por semana, daí eu vinha lá para o quartel Mallet¹³ na pista de atletismo, que o Maria da Rocha treinava era lá, de lá a gente ficava duas horas, duas horas e meia no treino, saía de lá ia direto para o Corinthians para começar o treino no Corinthians. Isso aí sem lanchinho, sem merendinha, sem ônibus, sem nada, a pé, e feliz da vida, e tudo feliz da vida. O bom era isso, que ninguém estava reclamando disso. Eu chegava em casa as sete horas, sete e dez, fazia mais alguma coisa e estudava para o outro dia de manhã, e nós treinava segunda, quarta e sexta.

S.A. – Três vezes por semana?

D.C. – Três vezes por semana, no meu caso, como eu acumulava os dois, era umas de quatro a cinco horas o treino, porque era umas duas horas no atletismo e mais umas duas lá no handebol.

S.A. – Tinha equipe masculina de handebol também?

D.C. – Tinha e era muito forte naquela época.

S.A. – Tinha alguma diferença no tratamento do feminino para o masculino ou vocês tinham o mesmo, era igual assim, o tempo de treinamento, quantidade de horas...

D.C. – Era quase igual, a quantidade de horas de treinamento, só que os meninos eram muito mais fortes; os meninos eram uns cavalos porque handebol não é um esporte muito delicado, tipo golfe, essas coisas, mas era praticamente igual o tempo de treino, só que nós não tínhamos treino junto com os meninos. Às vezes os meninos ajudavam a goleira, no nosso tempo a Elaine¹⁴, eu me lembro da Elaine, a que era do Maria Rocha, que antes foi do Nossa Senhora de Fátima que não tinha Ensino Médio, então, o pessoal do Fátima também ia para o Maria Rocha e os meninos as vezes ajudavam a Elaine no treinamento de ficar ali no gol recebendo pancada, e eles adoravam fazer aquilo, era o máximo.

¹³ 3º Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado também conhecido como Regimento Mallet – Santa Maria - RS

S.A. – Como é que foi quando tu foste selecionada para a seleção gaúcha? Como funcionava?

D.C. – Não, porque como a gente já fazia parte das equipes aqui de Santa Maria, então, o grosso da equipe era de Santa Maria sempre; então pegava geralmente as melhores que tinha aqui em Santa Maria e eu era, agora eu não sei como é que se chama, mas eu era arremessadora do lado direito, que agora tem um outro nome.

S.A. – Ponteira?

D.C. – Não, ponteira é aquela que fica bem na ponta. O handebol são seis, não é?

S.A. – Seis. Sete com a goleira.

D.C. – Não, são sete. Tem as duas ponteiras, as duas arremessadoras e a central, e mais o pivô e mais a goleira. Então, a ponteira na nossa época era aquela que ficava bem lá na pontinha da área da goleira. Eu era a arremessadora do lado direito, então, essa seleção, pelo meu tamanho, pelo meu porte físico, 1,78 metros, 60 quilos, rapidinha, umas pernas, corria... É já tinha uma boa impulsão, já sondava a adversária baixinha, eu já dava aquele impacto pelo tamanho. Imagina, com catorze, quinze, dezesseis anos, pegar um girivá de 1,78 metros... Na hora que pula e levantou o braço chegava a três metros e vinte, três metros. 1,78 metros eu já tinha, mais o tanto do braço, mais a impulsão, tu imaginas onde é que eu ia parar... Então eu acho que isso é um fator que levou a escolha também, mas sempre tinha uma mais forte, uma melhorzinha, uma que fintava mais e dois anos eu cai fora, ai no ano que eu fui a gente também não se classificou para a final.

S.A. – Vocês chegaram até...

D.C. – A gente foi até a metade do campeonato lá em Brasília, do nacional, o campeonato nacional, acho que era juvenil.

S.A. – Nessa época quem é que era tida como as melhores?

¹⁴ Nome sujeito à confirmação.

D.C. – Aqui em Santa Maria era a Schuster¹⁵ que eu não lembro o nome; em Santa Rosa, tinham aquelas duas meninas da foto, aquelas mais loirinhas que eu não lembro o nome; aquelas ali eram cruéis, elas eram pequenas mas muito ágeis; e eu e outra menina que eu não lembro o nome, aquela gordinha do dente feio que eu não lembro o nome daquela menina.

S.A. – E no campeonato, qual era o time que estava melhor, quem é que ganhou na época?

D.C. – Eu não sei porque a gente não ficou até o final e daí veio embora. Os meninos também não ganharam e aí vieram embora. Mas era assim: São Paulo, Minas Gerais e um estado do Nordeste, eu não lembro se era Pernambuco, qual era, que aquelas gurias eram tinhas, porque ela não eram tão altas como as do Sul; ah, tinha Paraná também, muito rápidas e muito fortes, umas monstras porque elas batiam na gente, beliscavam, empurravam, era um jogo sujo, elas faziam literalmente um jogo sujo. A pancadaria, o empurrão, o puxão de cabelo, eu me lembro que era uma das equipes bem fortes... Verba a gente não tinha, tênis a gente tinha que comprar, abrigo, mochila, o que a gente ganhou na seleção gaúcha foi o uniforme da Seleção, que eram duas camisetas e o abrigo, que a gente teve que devolver tudo no final, a gente não ganhou, era emprestado. A Federação Gaúcha emprestava para a gente, tanto é que eu, por exemplo, o meu pai pode comprar o abrigo, não pode comprar o tênis, eu fui com o meu tênis “furreca”, então cada uma tinha que se virar com os seus meios, a gente não tinha dinheiro de incentivo de transporte, não tinha para uniforme, cada uma tinha que ter o seu plano de saúde...

S.A. – Tanto o feminino quanto o masculino?

D.C. – Tanto o feminino quanto o masculino. Eu soube que depois, muito depois quando o masculino veio para a universidade aqui a Federal de Santa Maria que eles conseguiram o apoio da ADUFSM¹⁶ que patrocinava eles, mas também não sei qual era o tipo de patrocínio porque o que a gente tinha, às vezes, muitas vezes os professores compravam bola porque o Corinthians não dava, porque era lá que a gente treinava; a Federação também

¹⁵ Nome sujeito à confirmação

¹⁶ Associação Desportiva da Universidade Federal de Santa Maria.

não mandava bola. No Maria Rocha era a mesma coisa, era aquela briga, o colégio estadual, o governo não mantém, era o estado precário para a gente conseguir material para treinar. O atletismo a mesma coisa: conseguir colchão para os saltos em altura, as varas do arremesso de dardo às vezes quebrava, o professor que muitas vezes tirava do bolso para poder ter um material para a gente treinar. E para as competições muitas vezes os professores levavam a gente no carro deles para a gente sair da cidade, às vezes para competir aqui no campus vinha o carro do professor, ou um pai que tinha carro na época, que tinha boa vontade. Eram muito poucos para trazer a gente, ou a gente tinha que vir de ônibus, voltar de ônibus, recursos mesmo, verba de incentivo não tinha nada, quase a mesma coisa que existe hoje também, o incentivo para esse tipo de esporte não tem, então assim, a gente não tinha... Plano de saúde cada uma tinha que se virar como podia, porque se tu te machucasses ninguém tinha uma pomada, ninguém tinha nada; os técnicos geralmente levavam a suas bolsinhas de primeiros socorros, mas tudo tirado do bolso deles, porque a escola não dava, o Corinthians não dava, a seleção não dava. Quando a gente foi para Brasília em 1982 tinha uma equipe médica, mas era aquela coisa, ia lá, passava um gelol, uma pomadinha, passava uma faixa, gelo e acabou a história... Se quebrasse, só o público¹⁷ que graças a Deus Não teve nenhum caso. E daí na época, quando a gente foi para Brasília, como nós não tínhamos técnica em Santa Maria, técnica mulher, treinadora mulher, veio uma professora de fora para poder acompanhar as meninas, que era tipo uma exigência, então, ela foi só para acompanhar as meninas. Era uma professora de Educação Física, não lembro o nome, ela veio de fora porque aqui só tinha o Minello e o Iradil.

S.A. – Uma exigência de quem?

D.C. – Eu não sei de quem, mas tinha que ter mulher.

S.A. – Para ir para onde?

D.C. – Para ir para Brasília no nosso ônibus. Tinha que ter uma mulher nos acompanhando tanto é que o Minello não foi. Foi o Iradil e essa mulher que eu não me lembro do nome. Porque nós fomos - metade era feminino e metade era masculino – em um ônibus só. E daí chegando lá tinha outros esportes, mas no handebol foi um ônibus só e tinha que ter uma

¹⁷ Referência a hospital público

professora mulher que não era daqui, porque aqui na época, não me lembro de ter professoras nas equipes femininas, tudo eram homens. Então eu me lembro dessa... Eu não sei se é relevante ou não é. Eu me lembro que poucas equipes tinham professoras mulheres, então, realmente era um esporte bem dominado por professores homens.

S.A. – Mas existiam mulheres técnicas?

D.C. – Existiam, mas muito poucas, pouquíssimas.

S.A. – Tu lembrava de alguma?

D.C. – Aqui em Santa Maria eu não lembro se tinha alguma, realmente eu não lembro se tinha alguma, mas de repente alguém pode lembrar que tinha. Eu não me recordo, e a minha memória está ficando fraca. Então eu acho que se isso também pode ser relevante porque era um esporte predominantemente masculino, tanto por meninos, pelos atletas, tanto por quem treinava, os técnicos, preparadores, tudo era masculino. Eu lembro que no atletismo tinha professoras mulheres. Quando a gente ia competir apareciam, não sei se era no Cícero que tinha uma professora, ou no Maneco, tinha, mas no handebol eu não me lembro se tinha alguma aqui em Santa Maria. Mas no atletismo tinha, porque o atletismo já era um esporte bem mais antigo, tanto aqui em Santa Maria, desde a época das Olimpíadas, Atenas, então eu não sei, mas tinha mulher, mais do que no...

S.A. – E vocês acompanhavam essas competições mundiais?

D.C. – Ah sim, parava na frente da TV, olhava, todo mundo sonhava em ser uma atleta de ponta, algumas conseguiram e as mais destacadas aqui em Santa Maria, quase todas por um período jogaram em Santa Catarina, ou em Concórdia, ou em Chapecó, no interior de Santa Catarina, nunca em Florianópolis. O handebol daqui migrou quase todo para lá porque lá tinha. Você ganhava residência, você ganhava bolsa para estudar, tudo isso Santa Maria não oferecia; eu mesmo fiquei um tempo assim, eu acho que um mês, um mês e pouco em Chapecó, competindo por Chapecó. Fui, treinei e fiquei um período treinando para competir por Chapecó.

S.A. – Um processo de profissionalização já?

D.C. – É, quase um processo de profissionalização, tanto é que muitas meninas daqui saíram e foram para Concórdia ou para Chapecó competir lá, jogar que lá eles davam casa, davam alimentação para a gente e quem queria estudar ficava com bolsa. Não foi o meu caso, eu fui só para treinar e competir e depois voltei. Mas teve muita gente, aquela Luciane¹⁸, aquela que eu te mostrei do cabelo preto. A Luciane parece que está lá até hoje, então, e muita gente que foi na época voltou para Santa Maria, fez faculdade em outra área e acabou voltando para Santa Catarina, porque Santa Maria, ela exportava para Santa Catarina tanto masculino quanto feminino de handebol porque até hoje, você sabe, você se formou aqui, se forma na UFSM e vai embora para Santa Catarina. Todo mundo que quer ganhar dinheiro vai para Santa Catarina, ou para Concórdia, para Chapecó, para Criciúma, para aquelas cidades de Santa Catarina. Eu mesmo, meu primo que se formou tem um ano e meio aqui e está em Santa Catarina ganhando dinheiro. Porque lá tinha incentivo e aqui não tinha. As meninas que vinham jogar aqui pela seleção gaúcha, quando vinham os períodos o que faziam. “Veio uma menina de Santa Rosa, pode ficar na tua casa? Pode, não tem problema, fica lá em casa.” Ou seja, a família da atleta da cidade acolhia essas meninas, na casa de uma ficava uma, na outra podia ficar duas, ficava duas, e assim a gente ia se dividindo, ou seja, a gente acabava bancando uma situação que teria que ter sido a Federação, o próprio Corinthians, não sei. As meninas ficavam dormindo na casa da gente, e lá em Santa Catarina não, tinha uma casa que todo mundo ficava. Eu não sei se era alugada ou o que era e a gente ficava lá, tinha quarto, tinha cozinha, tinha TV, claro, cada uma, a gente se organizava para fazer a comida. E essas meninas que vinham de fora ficavam aqui, cada um na casa de uma ou de outra comendo aquela que aquela comia, e ia para o treino... Geralmente era período de férias, e quando a gente ia competir em um lugar fora, tipo assim, o Maria Rocha vai competir lá em Agudo¹⁹... nós vamos ir sábado de manhã e voltamos domingo. Onde a gente dormia? Na casa das atletas de Agudo. Nós vamos para Caxias, onde é que nós vamos dormir? Uma vez a gente foi para Caxias²⁰, vamos dormir onde? A gente dormiu lá no Clube de Caxias, o clube de futebol de Caxias como é que chama? O Juventude. A gente ficou lá dentro do clube Juventude dormindo em alojamento e saía para restaurante, que daí não sei de onde vinha o dinheiro na época que pagava as

¹⁸ Nome sujeito à confirmação

¹⁹ Cidade do interior do Rio Grande do Sul

nossas comidas. Quando a gente ia para Rosário²¹ que era específico, só o Maria Rocha ia para o JIMP²², que só acontecia em Rosário, que era Santa Maria, Bagé, Rosário, Livramento, Uruguaiana, Alegrete, Quaraí, Itaqui, Dom Pedrito²³. E de Santa Maria só ia o Maria Rocha, não ia o Cilon, não ia o Pilar, não o Santana, era só o Maria Rocha que era convidado. A gente ficava no colégio, no Plácido de Castro²⁴, ali em Rosário, e o Exército levava comida para nós. A gente comia, daí comia todo mundo igual, o Exército ia lá e levava comida para nós. Então assim, era tudo muito informal, muito sem recurso, cada um se virava como dava e em Santa Catarina tinha mais incentivo que não tinha aqui. Então a gente fazia muita interação com as meninas, só que naquele tempo não tinha *email*, não tinha celular, não tinha *facebook*, a gente conversava por carta, todo mundo mandava carta para a outra, que a gente acabava conhecendo porque tu estavas na casa de alguém que tu nunca tinhas visto na vida. Tu sentavas na mesa com pai, com mãe, com vó, com tia, às vezes só mãe, só pai não, mas geralmente com os irmãos pequenos e tu tinhas que te virar; às vezes a menina dava a cama para a visita, dormia no chão com colchão ou dormia no sofá, a gente ia se virando porque não tinha estrutura. Mal e porcamente às vezes a gente ganhava um ônibus.

S.A. – E como é que vocês... Essa questão de vocês irem e ficarem na casa das atletas e competir depois? Como é que era essa rivalidade?

D.C. – Não, no momento a gente não tinha essa rivalidade assim. A hora que a gente estava na casa delas, todo mundo normal, amigas, na quadra é outro departamento. Ai vamos jogar e coisa e tal. Mas saía da quadra a gente voltava, até tocava no assunto tipo assim: “Tu viu o filme não sei o que lá”... A gente ficava até às duas da manhã rindo e contando piada, ou conversando, ou fazendo pipoca o que fosse que tivesse acontecido, mas na hora da quadra rolava pancadaria geral igual. O handebol não é muito delicado, daí não tinha isso, vou dormir na casa dela, vou comer na casa dela, tinha até com a gente. Bom, tu dormiu na casa da guria hoje, espanquei dei cada cotovelada na criatura, vou fazer o que, tinha que jogar, independente, e isso às vezes acontecia. Nem te conto, deu umas

²⁰ Cidade do interior do Rio Grande do Sul

²¹ Cidade do interior do Rio Grande do Sul

²² Jogos Intermunicipais da Primavera;

²³ Cidades do interior do Rio Grande do Sul

²⁴ Colégio Estadual Plácido de Castro, Rosário do Sul (RS)

cotoveladas naquela que tu estavas dormindo na casa dela azar de ti agora, se ela não te deu o que comer [risos]. Era mais ou menos isso, era como a gente lidava com a situação.

S.A. – E entre as colegas de time vocês tinham algum atrito?

D.C. – Tinha, tinha uns arranca rabo sim. Tinham umas mais brabinhas, mais nervosinhas, e tinha umas mais mosconas que a gente tinha... Puxavam uma pancadariazinha de vez em quando, mas a campeã para as brigas era a Luciane, aquela não tinha jogo que ela não brigava e se estourava com todo mundo. Aquela ali era rebelde com o técnico, batia boca. Eu até argumentava assim, até tentava brigar com ele, mas não dava muito certo porque eu era muito cagona também. O Minello e o Iradil tinham uma posição muito forte de liderança sobre a gente porque a gente tinha uma confiança muito boa neles, então, até que da dava uma reclamada, mas não ficava reclamando e tinha a Elaine, batia boca, mas chorava, aquela tinha um drama, ela batia boca e chorava. E tinha aquelas que nunca faziam muita coisa, que não chegaram a ir pra seleção gaúcha, mas jogavam no Maria Rocha: a Janine que trabalha na Caixa Econômica Federal: Janine Colares, que era minúscula mas queria jogar handebol e jogava, jogava até muito bem dentro dos limites dela de ser bem pequena, que ela era uma menina muito pequena, então, jogava muito bem, mas era aquela coisa, tinha muitas meninas que jogavam muito bem, mas não estavam em um nível de seleção, e na minha época não tinha seleção brasileira feminina. Foi surgir muito depois, então, a gente assim, quando olhava as Olimpíadas alguma coisa assim, olhava o masculino com o sonho de um dia a gente poder chegar lá, de ter uma seleção, que recém estava começando eu acho no interior de São Paulo, Minas, ou no Paraná que o Paraná era sempre campeão porque tinha as maiores, as melhores, as mais fortes, as mais ágeis, que tinha um incentivo que Santa Maria não tinha. Também Santa Maria querer brigar com Curitiba não tinha como, Curitiba era assim a que mais tinha potencial para isso.

S.A. – Teria mais alguma coisa para compartilhar, contribuir?

D.C. – Eu não sei se é do grande interesse da instituição a qual a entrevistadora pertence, mas o esporte handebol na minha época era considerado um pouco troglodita e as meninas geralmente eram taxadas na época de homossexuais também. Só tinha, no linguajar chulo

do gaúcho, sapatão. Então poucas saíam da regra, e as que saíam da regra eram [PALAVRA INAUDÍVEL] também. Mas era, geralmente as gurias eram bem mais masculinizadas, eram poucas que eram assim femininas. Tanto que eu mesmo várias vezes fui tachada que eu era *gay*, pelo tamanho, pela força, pelo jeito; eu não era nadinha delicada e grande maioria das meninas que jogavam handebol eram assim, eram bem fortinhas de músculo e tinha esse rótulo.

S.A. – E tinha uma preocupação em se manter uma feminilidade?

D.C. – Não, também não tinha.

S.A. – Nem dos pais?

D.C. – Se respeitava assim: “ah joga handebol, ela é assim porque ela joga handebol, ela tem os músculos, ela é forte e tal porque ela joga handebol”. Mas não tinha aquela preocupação de querer passar que o handebol era algo bem feminino, bem doce, um esporte mais feminino. Ninguém tinha essa preocupação, mas também ninguém se importava porque não tinha o tal do *bullying*. Todo mundo podia ser chamada de gorda, pesada, grande, forte, bunduda, vesga, alta, seca, Olívia²⁵, não tinha essa preocupação nenhuma. Era apelido, só isso, mas não tinha essa preocupação que hoje em dia você não pode chamar ninguém, não pode dizer que tal esporte tem uma tendência a tal sexo ou isso ou aquilo. Se não dá processo, dá um monte de coisa. Não tinha isso, mas geralmente as meninas que jogavam handebol tinham isso, que elas eram mais fortes, eram mais brutas, tinham mais músculo, tinham mais força, mas a gente não se importava com isso também, lidava muito bem com a situação. Geralmente a gente gostava de fazer joguinho que tivesse dois ou três guris para a gente dar a revanche porque os guris sempre queriam dizer que eram mais fortes que as gurias, questões de adolescência. “Não adianta, vocês nunca vão ganhar da gente”, aquelas coisinhas assim. Mas eu acho que não tinha essa preocupação quanto ao sexo, se era mais masculino ou feminino porque a gente lidava muito bem com isso, não tinha essas frescuras que hoje em dia inventaram. E a gente tinha o privilégio que a gente era tipo filme americano, as gurias do handebol. Mas tinha mais ou menos isso tipo filme americano, os meninos que jogam o *rugby*, o basquete. Nós tínhamos

também os nossos méritos, que valia a pena. “Não, não, deixa eu passar que as gurias do handebol ou você não aguentava a fila na lanchonete porque eram as gurias do handebol”. Na biblioteca, “Não, deixa as gurias do handebol que elas tem que ir treinar”. Tinha as suas vantagens também, as gurias do handebol. Tinha...

S.A. – Artimanhas.

D.C. – As artimanhas e é claro que a gente usufruía disso, lógico, a gente ia pegar o material para ir para a quadra, as outras diziam: “Ah, lá vem as gurias do handebol” daí já iam saindo da quadra porque sabiam que a gente ia jogar, que a gente ia treinar. Então tinha essas vantagens, os méritos pelo menos. Nos colégios sempre teve isso.

S.A. – Por enquanto acho que é isso. Teria mais alguma coisa?

D.C. – Não.

S.A. – Agradeço.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

²⁵ Referência à personagem Olívia Palito.